

Capítulo 2

Demandas e oportunidades para o crescimento sustentável

Klecius Ellera Gomes

Vanessa da Fonseca Pereira

Áurea Fabiana Apolinário de Albuquerque Gerum

Introdução

A promoção do crescimento econômico sustentado e a geração de empregos dignos, pontos centrais do ODS 8, estão diretamente relacionadas. O crescimento econômico é dado pelo aumento do volume total de bens e serviços produzidos em uma economia, via variação positiva da capacidade produtiva, para a satisfação das necessidades humanas. Por sua vez, uma das principais variáveis que caracterizam o processo de crescimento econômico é o nível de emprego. O crescimento econômico sustentável é associado ao cuidado com as questões sociais e ambientais para as gerações presentes e futuras. Dessa forma, para que o crescimento econômico ocorra de forma sustentável, é necessário criar condições que permitam que as pessoas tenham empregos de qualidade e estimulem a economia, sem gerar danos ao ambiente.

Com as projeções para 2050, evidenciando uma população mundial por volta de 10 bilhões de habitantes (World..., 2017), a produção de alimentos torna-se crítica – e estratégica –, sobretudo para países como o Brasil, com potencial para se tornar um dos principais produtores e fornecedores de alimentos. Nesse contexto, há o desafio de manter o crescimento econômico per capita sustentável, ou seja, proporcionalmente ao desenvolvimento socioeconômico, em especial do trabalho.

O papel da agricultura para o crescimento sustentável

A produção agropecuária brasileira tem hoje o desafio de continuar se desenvolvendo, de modo a atender às demandas de alimentos, fibras, energia e outras matérias-primas para as indústrias de transformação e de química verde, e de gerar excedentes para exportação, a fim de contribuir para a segurança alimentar e

energética global. Contudo, é necessário que o atendimento às demandas atuais não comprometa as gerações futuras.

Esse desafio perpassa, sobretudo, pela qualificação profissional atrelada à cultura do empreendedorismo, aproveitando melhor as oportunidades que a nova dinâmica dos negócios, tanto urbanos quanto agropecuários, vem disponibilizando (Buainain et al., 2014).

As mudanças tecnológicas vêm se processando em ritmo cada vez mais rápido. Esse fato sinaliza um enorme desafio para a extensão rural e a assistência técnica, que precisam decodificar o conhecimento gerado pela pesquisa ou pelos próprios agricultores em tecnologias passíveis de adoção pela maioria dos produtores rurais e para as suas diferentes condições.

Nesse processo de modernização da agropecuária brasileira, em algumas situações, surgiram passivos entre a produção agropecuária e as questões ambientais e sociais que ainda persistem, apontando para a necessidade de esforços para implementar avanços na busca pela sustentabilidade. Tais passivos residem, sobretudo, nos seguintes problemas: a) baixa eficiência no uso dos recursos globais, levando à ineficiência dos processos produtivos, com reflexos nos custos de produção e preços finais ao consumidor, diminuindo também a oferta desses recursos, que, se mais bem aproveitados, serviriam de insumos a outros processos produtivos; b) consumo não consciente, ou seja, sem a preocupação de conhecer e identificar itens como a procedência do produto, a forma como é produzido e quais insumos foram utilizados, focando (aqui, o consumidor final do bem ou serviço) mais no “preço pago” do que na sustentabilidade do processo de produção; c) falta de um plano nacional efetivo de crescimento econômico sustentável voltado à minimização dos danos ambientais, atrelado a impactos socioeconômicos positivos.

Outro ponto importante nessa conjuntura é o alijamento do processo daqueles produtores que ficaram à margem das revoluções tecnológicas, independentemente de sua escala de produção. Alves et al. (2012) ilustraram esse fato ao indicarem a concentração do produto agropecuário (renda) em, proporcionalmente, poucos estabelecimentos. Cerca de 500 mil propriedades, de um total de aproximadamente 5,2 milhões, concentraram 87% da renda bruta do setor. Ademais, em 2030, projeta-se que a população rural no País diminuirá para cerca de 10% da população total (Indicadores..., 2011). Esse cenário demográfico tem efeitos diretos sobre as características da produção, que precisará ser mais automatizada e mecanizada para acomodar o envelhecimento da população e ampliar a produ-

tividade do trabalho. Esse novo perfil de população demandará atenção especial aos modelos de produção e seus impactos nas dimensões social e ambiental, em adição às questões econômicas e de nutrição (Buainain et al., 2014).

Essa tendência demográfica em várias regiões (envelhecimento e continuidade da migração da população das áreas rurais para as cidades) aponta que a disponibilidade da mão de obra para o trabalho na agricultura tende a se tornar cada vez mais escassa. Ademais, com a intensificação das mudanças climáticas, as condições de plantio, como temperatura, precipitação, umidade do solo, exigirão mais acuidade na condução das diversas práticas agropecuárias.

Apesar do sucesso da agropecuária brasileira, a adoção de tecnologias modernas ainda atinge um contingente limitado de produtores. Uma inclusão produtiva mais abrangente exige maiores investimentos e estratégias inovadoras na criação e na transferência de conhecimentos e de tecnologias. Isso ajudará, sobretudo, os produtores mais vulneráveis a participar desse fluxo de crescimento.

A mecanização e a automação, entre outros fatores, terão protagonismo nas próximas décadas, em resposta ao envelhecimento da população (World..., 2013), ao contingente reduzido – ou insuficiente – de mão de obra jovem no campo e às limitações de educação em vários países (como no Brasil). Esses processos, em conjunto, contribuem para a escassez de trabalhadores qualificados no campo. A ampliação da oferta e a adoção dessas tecnologias no meio rural constituem fator decisivo para aumentar a produtividade do trabalho no campo (Contini et al., 2010), além de tornarem o trabalho agropecuário atraente para os jovens vis-à-vis as opções oferecidas – ou esperadas – na zona urbana. Os sistemas de pesquisa e inovação deverão estar preparados para responder a uma agricultura mais multidisciplinar e perante o desafio da migração da mão de obra jovem às cidades.

A característica multifacetada da agropecuária brasileira (segurança alimentar, bioenergia, mudanças climáticas, química verde, desenvolvimento rural, acordos de comércio internacional entre outros), com informações que são processadas de modo mais rápido, com desafios que não respeitam as fronteiras nacionais (pragas, doenças, mudanças climáticas, entre outros), reforça a dependência de conhecimentos, tecnologia e inovações e ressalta a urgência de um amplo esforço de transferência de tecnologia e de extensão rural, de modo a permitir maior inclusão das inovações tecnológicas e produtivas no campo.

Um fato inexorável é que o setor agrícola será, de modo crescente, pressionado a aumentar a eficiência no uso de fertilizantes, agroquímicos e demais recursos, especial-

mente a água. Faz-se necessário produzir mais, com um dado nível de utilização de insumos, ou produzir a mesma quantidade, com um menor nível de uso de insumos.

A busca por aumento na produtividade e eficiência das economias também deve considerar o aumento da formalização (e do empoderamento) das micro e pequenas empresas, sempre com foco no emprego digno e decente do capital humano.

Considerações finais

Diante do exposto, neste ambiente, as empresas de pesquisa e inovação na agropecuária têm o potencial de contribuir para a geração de empregos e movimentar a economia em torno de seus resultados sem prejudicar as gerações futuras. A Embrapa desempenha papel importante nesse processo, contribuindo para as atividades produtivas na agropecuária em geral, que pode se dar, por exemplo, via disponibilização de soluções tecnológicas, capacitação e/ou por meio do apoio à formulação de políticas públicas. Os resultados dessas contribuições podem se materializar por meio de ganho de produtividade, qualidade, agregação de valor ou soluções de problemas dos setores produtivos, entre outros fatores.

É importante lembrar que a agricultura também contribui para a geração de empregos urbanos – antes e depois da porteira –, a exemplo de fornecedores de máquinas e insumos nos setores de logística, agroindústria e comercialização. Por isso, ao apoiar as atividades produtivas, a pesquisa agropecuária está ativando efeitos multiplicadores em toda a economia. Além disso, esse potencial vai além da geração de empregos agrícolas tradicionais. As novas interações que se dão nos sistemas de inovação, marcadas pelo envolvimento de atores diversos, bem como por inovação nos produtos e processos, empreendedorismo e criatividade e, principalmente, por uso intensivo de Tecnologias da Informação e Comunicação, levam os resultados da pesquisa agrícola muito mais longe, gerando empregos em diversos setores.

Referências

ALVES, E.; SOUZA, G. S.; ROCHA, D. P. Lucratividade da agricultura. **Revista de Política Agrícola**, ano 21, n. 2, p. 45-63, abr./jun. 2012.

BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M. da; NAVARRO, Z. (Ed.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014. 1182 p.

CONTINI, E.; GASQUES, J. G.; ALVES, E.; BASTOS, E. T. Dinamismo da agricultura brasileira. **Revista de Política Agrícola**, ano 19, p. 42-64, jul. 2010. Edição especial.

INDICADORES sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. (Estudos e pesquisas informação demográfica e socioeconômica, 28).

WORLD population prospects: the 2012 revision: highlights and tables. New York: United Nations Population Division, 2013.

WORLD population prospects: the 2017 revision. New York: United Nations, 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.